

UMA PASSAGEIRA ESPECIAL

Autor Desconhecido

Os passageiros do ônibus olharam com simpatia quando aquela mulher, jovem e atraente, subiu com cuidado os degraus com o auxílio de uma bengala branca. Ela pagou a passagem e, utilizando as mãos para sentir a localização dos assentos, caminhou até o final do corredor, onde encontrou o assento que estava livre, conforme o motorista lhe dissera. Sentou-se, colocou sua maleta sobre o colo e apoiou a bengala na perna. Fazia um ano que Susan, com 34 anos, ficara cega. Devido a um erro de diagnóstico médico, ela perdeu a visão e, repentinamente, foi jogada em um mundo de escuridão, revolta, frustração e autopiedade. Susan fora uma mulher independente, mas agora se sentia condenada por essa terrível reviravolta do destino a tornar-se um fardo inconveniente e inútil para todos à sua volta. "Como isso foi acontecer comigo?", ela lamentava, com o coração compungido pela raiva. Ela sabia que não adiantava chorar ou esbravejar, pois a dura verdade é que sua visão jamais retornaria. Uma nuvem de depressão pairava sobre o espírito de Susan, que outrora fora tão otimista. Apenas viver o cotidiano era um exercício de frustração e exaustão. Só podia apoiar-se em Mark, seu marido. Mark era oficial da força aérea e amava Susan de todo o coração. Logo que ela perdeu a visão, ele a viu mergulhar no desespero e estava determinado a ajudar sua esposa a ganhar a força e a confiança de que necessitava para ser novamente independente. Mark, devido às qualificações de militar, recebera um bom treinamento para lidar com situações delicadas, embora soubesse que essa era a batalha mais difícil que teria de enfrentar.

Por fim, Susan sentiu-se apta a retornar ao trabalho, mas como poderia ir até lá? Ela costumava pegar o ônibus, mas agora tinha muito medo de sair sozinha. Mark se ofereceu para levá-la ao trabalho de carro todos os dias, apesar de trabalharem em pontos da cidade extremamente distantes e opostos.

De início, isso confortou Susan e ajudou Mark a dar vazão à necessidade que tinha de proteger a esposa cega, que se sentia totalmente insegura quanto a realizar a menor tarefa por conta própria. Logo, porém, Mark percebeu que esse acordo não era muito bom, pois, além de ficar muito caro, o ritmo era alucinante.

Ele teve de admitir para si mesmo que Susan teria de recomeçar a pegar o ônibus, mas ficava arrepiado de medo só de pensar em como lhe diria isso. Ela era frágil e estava com muita raiva. Como reagiria?

Como Mark previra, Susan ficou horrorizada com a ideia de pegar o ônibus novamente.

— Estou cega! — respondeu ela com amargura. — Como posso saber para onde vou? Parece que você está me abandonando!

Esse comentário partiu o coração de Mark, mas ele sabia o que deveria ser feito. Prometeu a Susan que pegaria o ônibus com ela todas as manhãs e tardes, o tempo que fosse necessário, até que ela se acostumassem com a viagem de ônibus. E foi isso exatamente o que aconteceu.

Durante duas semanas, Mark, em uniforme militar, acompanhou sua esposa ao trabalho, no caminho de ida e de volta. Ele ensinou Susan a utilizar mais os outros sentidos, particularmente a audição, para determinar onde estava e para adaptar-se ao ambiente. Ajudou sua esposa a tornar-se amiga dos motoristas de ônibus, que poderiam auxiliá-la a encontrar, ou reservar, um assento para ela. Ele a fez sorrir, até mesmo nos dias não tão agradáveis em que tropeçava quando descia do ônibus, ou quando deixava sua maleta cair. Todas as manhãs eles faziam o trajeto de ônibus juntos e, quando chegavam ao destino, Mark pegava um táxi para seu escritório. Embora essa rotina fosse ainda mais cara e exaustiva do que a anterior, Mark sabia que era só uma questão de tempo até ela ser capaz de pegar o ônibus sozinha. Ele confiava na Susan que conhecera antes que ficasse cega, que não temia nenhum desafio e que nunca, nunca mesmo, desistia de algo. Por fim, Susan decidiu que já estava preparada para fazer a jornada sozinha. Na segunda-feira de manhã antes de sair, abraçou Mark, o companheiro temporário em suas jornadas de ônibus e o melhor amigo. Seus olhos rasos de água agradeciam a fidelidade e a paciência dele, assim como o amor que ele lhe dedicava. Ela se despediu, e, pela primeira vez, tomaram rumos opostos, cada um para o seu trabalho. Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira... Não houve incidentes em nenhum dos dias em que pegou o ônibus sozinha. Susan sentiu-se muito bem consigo mesma. Ela conseguiu! Estava indo para o trabalho sozinha! Na sexta-feira de manhã, Susan, como de costume, pegou o ônibus para o trabalho. Antes de descer do ônibus, enquanto pagava sua passagem, o motorista lhe disse: – Que inveja sinto de você! Susan não tinha certeza se o motorista estava falando com ela ou não. Afinal, quem neste mundo invejaria uma mulher cega que lutou apenas para encontrar ânimo a fim de viver o ano que passara? Curiosa, ela perguntou ao motorista: – Por que você diz que me inveja?

O motorista respondeu: – Deve ser muito bom sentir-se protegido e saber que estão cuidando de nós, como acontece com você! Susan não fazia a menor ideia do que o motorista estava falando e perguntou novamente: – O que você quer dizer? – Sabe, todas as manhãs desta semana, um senhor em uniforme, bem apessoado, ficou do outro lado da esquina, observando você, enquanto descia do ônibus – respondeu-lhe o motorista. – Ele se certifica de que você atravessou a rua seguramente e a observa até entrar no edifício em que trabalha. Daí, ele joga um beijo para você, faz continência e vai embora. Você é uma mulher de sorte! Lágrimas de alegria cobriram a face de Susan. Embora não pudesse vê-lo, ela sempre sentia a presença de Mark. Susan tinha muita sorte, pois ele lhe dera um presente mais poderoso do que a visão, um presente que não precisava ver para crer – o presente do amor que pode trazer luz onde antes havia escuridão.